

Sofrimento Psíquico de Docentes Universitários no Brasil: Revisão de Escopo

Psychic Suffering of University Professors in Brazil: Scoping Review

Pâmela Campêlo Paiva¹, Thiago Silva Ferreira², José Evaldo Gonçalves Lopes-Júnior¹, Jessyca Moreira Maciel¹, Nicolau da Costa³, Cesario Rui Callou Filho⁴,
Arcanjo de Sousa Silva Junior², Maria Salete Bessa Jorge⁵.

¹Doutoranda(o) em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Ceará, Brasil

²Mestrando em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Ceará, Brasil

³Doutorando em Enfermagem, Universidade Federal do Ceará, Brasil

⁴Doutor em Saúde Coletiva, Universidade Estadual do Ceará, Brasil

⁵Doutora em Enfermagem, Universidade Estadual do Ceará, Brasil

RESUMO

Objetivou-se mapear os fatores associados ao sofrimento psíquico de docentes do ensino superior no Brasil, por meio de uma revisão de escopo conforme diretrizes do Joanna Briggs Institute e PRISMA-ScR. A análise de 19 estudos revelou que a intensificação do trabalho, a lógica produtivista, a precarização contratual e a ausência de suporte institucional são determinantes centrais do adoecimento psíquico. Instituições públicas apresentam sobrecarga estrutural e déficit de reconhecimento simbólico; no setor privado, predominam vínculos instáveis e pressões mercadológicas. Fragilização das relações interpessoais e desvalorização profissional agravam o sofrimento. Ambientes com suporte institucional e cultura organizacional colaborativa mostram-se protetivos. Conclui-se que estratégias de prevenção e cuidado coletivo são urgentes, exigindo políticas institucionais que enfrentem o produtivismo e promovam saúde mental no trabalho docente.

Descritores: Docentes; Saúde Mental; Ambiente de Trabalho; Estresse Psicológico; Revisão da Literatura.

Abstract:

The objective of this study was to map the factors associated with the psychological distress of higher education professors in Brazil, through a scoping review according to the guidelines of the Joanna Briggs Institute and PRISMA-ScR. The analysis of 19 studies revealed that the intensification of work, the productivist logic, contractual precariousness and the absence of institutional support are central determinants of mental illness. Public institutions have structural overload and a deficit of symbolic recognition; In the private sector, unstable ties and market pressures predominate. Weakening of interpersonal relationships and professional devaluation aggravate suffering. Environments with institutional support and collaborative organizational culture are protective. It is concluded that prevention and collective care strategies are urgent, requiring institutional policies that confront productivism and promote mental health in the teaching work.

Keywords: Faculty; Mental Health; Work Environment; Psychological Stress; Literature Review.

Date of Submission: 05-07-2025

Date of Acceptance: 16-07-2025

I. Introduction

O exercício da docência no ensino superior, especialmente em instituições públicas, tem sido marcado por crescentes demandas institucionais, administrativas e acadêmicas, que afetam significativamente a saúde mental dos docentes. Estudos indicam que fatores como sobrecarga de trabalho, pressões administrativas e falta de apoio institucional contribuem para o sofrimento psíquico desses profissionais (Pinho et al., 2023; Melo, 2024). Além disso, a intensificação do trabalho e a pressão por produtividade acadêmica têm sido associadas a altos níveis de estresse e burnout (Baptista; Cardoso, 2021; Carlotto; Câmara, 2017; Neves; Oliveira; Alves, 2014; Sousa; Mendonça, 2009). Esse cenário evidencia a necessidade de compreender os determinantes do sofrimento psíquico no contexto universitário, com vistas ao desenvolvimento de estratégias eficazes para a promoção da saúde mental docente.

A saúde mental dos professores universitários é impactada por múltiplos fatores específicos do ambiente acadêmico, acrescidos de desafios mais amplos relacionados à complexa articulação entre ensino, pesquisa e extensão. Entre os principais desafios globais, destaca-se a pressão por produtividade científica, sobre a qual diversos estudos têm oferecido importantes contribuições analíticas, evidenciando seus impactos na vida e no bem-estar dos docentes (Silva, 2017; Santos; Oliveira; Alves, 2016; Paiva; Gomes; Helal, 2015; Barreto, 2007).

Sustentada por métricas de desempenho que exigem publicações constantes em periódicos de alto impacto, essa lógica meritocrática tem sido reforçada por agências de fomento e pelas próprias instituições, impondo níveis elevados de estresse, ansiedade e sentimento de insuficiência profissional. Como destacam Oliveira, Pereira e Lima (2017), o produtivismo acadêmico constitui-se como elemento central na dinâmica de sofrimento psíquico dos docentes universitários, afetando não apenas sua saúde emocional, mas também a qualidade das atividades de ensino e pesquisa que desenvolvem.

Outro fator que contribui para o agravamento do adoecimento mental docente é a instabilidade contratual, especialmente nas instituições privadas de ensino superior (Gemelli; Closs, 2023; Silva, 2017; Santos; Oliveira; Alves, 2016; Neves; Oliveira; Alves, 2014; Bosi, 2007). A ampla adoção de contratos temporários e vínculos horistas, muitas vezes desprovidos de garantias trabalhistas, leva os docentes a acumularem empregos para garantir sua subsistência. Essa situação compromete a dedicação integral ao ensino e à pesquisa e desencadeia exaustão física e emocional. A precarização das relações de trabalho expõe os docentes à insegurança, à perda de autonomia e ao aumento do desgaste psíquico (Paiva; Saraiva, 2005). Dados mais recentes confirmam que essa realidade persiste, sendo fonte significativa de insatisfação entre professores do setor privado (Lima; Paloski, 2024).

A precarização do trabalho docente não se limita aos vínculos contratuais com as instituições de ensino superior (IES), estendendo-se às condições gerais de trabalho nesse nível educacional. Essa precarização se manifesta de maneira distinta nos setores público e privado, embora produza repercussões semelhantes sobre a saúde mental dos docentes. Bosi (2007) analisa o fenômeno ao discutir a intensificação do trabalho e a sobrecarga nas IES brasileiras, destacando que a mercantilização do ensino superior tem gerado o crescimento de uma força de trabalho docente submetida a condições laborais precárias, especialmente nas instituições privadas e nas novas universidades estaduais.

No contexto educacional, a precarização é compreendida como um conjunto de fatores estruturais e institucionais que fragilizam o exercício da docência, refletindo-se em sobrecarga, instabilidade, insegurança e ausência de suporte adequado para o desenvolvimento das atividades acadêmicas (De Lima; Paloski, 2024; Caldas et al., 2022). No setor público, ainda que o vínculo estatutário proporcione certa estabilidade, a precarização se expressa por meio da sobrecarga de trabalho, da escassez de recursos para insumos e infraestrutura, da baixa contratação de professores efetivos, entre outros fatores. Nesse cenário, os docentes acumulam funções administrativas, de ensino e de pesquisa, sob crescentes exigências institucionais e com baixa valorização profissional. Estudos indicam que a intensificação das atividades laborais, somada à ausência de suporte institucional e à instabilidade das políticas públicas voltadas ao ensino superior, contribui significativamente para o aumento do estresse e do adoecimento psíquico dos professores universitários (Caldas et al., 2022; Campos; Vêras; Araújo, 2020).

A escassez de recursos para a pesquisa e para o trabalho docente em geral vem sendo naturalizada, transformando-se em uma realidade institucional que tende a enaltecer a "competência" daqueles que conseguem acessar tais recursos. Essa lógica, no entanto, tem implicações psíquicas importantes: estresse, cansaço crônico, sintomas depressivos e, em casos extremos, ideação suicida (Lima; Lima-Filho, 2009). Outros estudos, como o de Caldas et al. (2022), reforçam essa associação entre precarização e sofrimento psíquico ao evidenciar que a sobrecarga crônica e a carência de suporte organizacional nas universidades públicas brasileiras são fatores fortemente implicados no adoecimento mental dos docentes.

A reduzida contratação de professores efetivos implica não apenas sobrecarga de trabalho, mas também o aumento dos níveis de estresse entre os docentes. Como consequência, esses profissionais são frequentemente levados a exercer múltiplas funções — ensino, pesquisa, extensão e gestão — em contextos marcados por limitações institucionais severas. A diminuição dos investimentos em educação superior não afeta apenas o número de docentes, mas compromete toda a infraestrutura acadêmica, gerando o chamado "sucateamento" das universidades. Tal deterioração acarreta também o aumento da pressão e das cobranças por parte dos estudantes sobre as coordenações de curso e os próprios professores, aprofundando ainda mais o desgaste profissional (Caldas et al., 2022).

No setor privado, a precarização manifesta-se sobretudo por meio da flexibilização das relações contratuais e da intensificação das exigências por produtividade. É comum a adoção de contratos temporários e regimes horistas, frequentemente desprovidos de garantias trabalhistas ou benefícios sociais. Essa instabilidade contratual, somada à pressão por metas e à lógica mercadológica que rege muitas instituições privadas, acarreta em insegurança, sentimentos negativos e desgaste físico-emocional, favorecendo o surgimento ou agravamento

de quadros clínicos do sofrimento psíquico: ansiedade, insônia, fadiga crônica e depressão (Lima; Paloski, 2024). A intensificação das jornadas de trabalho e o empobrecimento das condições laborais mantêm relação direta com o desgaste emocional e a desmotivação profissional entre docentes do ensino superior, tanto nas instituições públicas quanto privadas (Minghetti et al., 2022; Baggio et al., 2024).

A ausência de suporte institucional — traduzida na falta de apoio por parte da administração, na presença de culturas organizacionais hierárquicas, burocráticas e pouco acolhedoras — tem sido amplamente associada ao sofrimento psíquico de professores universitários. Entre os efeitos mais recorrentes, destacam-se a síndrome de burnout, a exaustão emocional, a despersonalização, o sentimento de baixa autoestima e a internalização de impotência, insatisfação e distanciamento em relação à prática docente. Esses aspectos tornam-se ainda mais sensíveis diante da desvalorização histórica da carreira, da necessidade de acúmulo de vínculos empregatícios e da sobrecarga de funções, elementos que compõem o cotidiano de muitos professores e são relatados como fontes de profundo desgaste e frustração. Tais condições foram intensificadas durante a pandemia de COVID-19, período em que se agravaram os riscos psicossociais e a sensação de abandono institucional (Santos; Silva; Belmonte, 2021; Andrade; Cardoso, 2012).

Por outro lado, a percepção de suportes constitui um fator protetivo reconhecido frente ao estresse ocupacional entre docentes, especialmente no ensino superior. Professores que percebem apoio institucional consistente demonstram menor propensão ao adoecimento psíquico, maior resiliência diante de adversidades e índices reduzidos de estresse (Baptista; Cardoso, 2021; Silva; Amaral, 2022). Ambientes acadêmicos que cultivam relações respeitadas e colaborativas entre os docentes e a gestão tendem a favorecer o bem-estar e a satisfação no trabalho, atuando como um importante amortecedor frente às pressões e exigências da rotina universitária.

O sofrimento psíquico, portanto, tende a ser reduzido em ambientes de trabalho harmoniosos, caracterizados por boas relações interpessoais, incluindo vínculos saudáveis entre colegas e entre professores e estudantes, além de suporte organizacional efetivo (Dalagasperina; Monteiro, 2016). A clareza das políticas institucionais e a valorização do trabalho docente também são apontadas como elementos que contribuem para a diminuição do estresse ocupacional (Neves, Oliveira e Alves, 2014). Em contrapartida, a ausência de apoio por parte da gestão e dos colegas, a sobrecarga de tarefas e as dificuldades em conciliar as demandas do trabalho com as exigências familiares expõem os professores universitários a múltiplas formas de sofrimento psíquico (Pinho, 2023).

Embora esses elementos se manifestem de formas distintas nos setores público e privado, convergem quanto ao impacto que exercem sobre a saúde mental dos docentes do ensino superior. O adoecimento psíquico, frequentemente invisibilizado pelas estruturas institucionais, evidencia a urgência de discutir a efetividade das políticas públicas e institucionais de promoção do bem-estar docente (Rassi, 2023; Brasil, 2023). Tais políticas precisam considerar a complexidade do fazer acadêmico e buscar alternativas sustentáveis à lógica do produtivismo, da precarização e da negligência institucional que atravessam a trajetória profissional dos que sustentam a vida universitária (Paiva; Gomes; Helal, 2015; Oliveira, 2020).

Apesar do crescente número de estudos sobre o sofrimento psíquico de docentes universitários no Brasil, percebe-se uma dispersão e heterogeneidade nas abordagens conceituais e metodológicas adotadas (De Araújo Fernandes; Marinho; Schmidt, 2022; Diehl; Marin, 2016). Ainda são escassas as revisões sistemáticas ou de escopo que sintetizem os principais determinantes envolvidos nesse fenômeno, sobretudo considerando os diferentes contextos institucionais do ensino superior. Essa lacuna evidencia a importância de sistematizar o conhecimento disponível e mapear os fatores associados ao adoecimento mental desses profissionais. Diante disso, esta revisão de escopo propõe-se a responder à seguinte pergunta de pesquisa: O que a literatura científica nacional tem revelado sobre o sofrimento psíquico de professores universitários e seus fatores associados?

Assim, o objetivo do estudo é mapear e sintetizar as evidências disponíveis na literatura científica nacional sobre os determinantes ou fatores associados ao sofrimento psíquico entre docentes do ensino superior, considerando suas inserções nos setores público e privado. Para detalhar o escopo do mapeamento proposto, ou seja, desdobrar o que está contido na expressão mais ampla “fatores associados ao sofrimento psíquico”, elaboraram-se os objetivos específicos: 1) Identificar os principais fatores psicossociais relacionados ao sofrimento psíquico de docentes do ensino superior; 2) Comparar os determinantes descritos no contexto de instituições públicas e privadas; 3) desvelar os elementos institucionais associados à intensificação e à precarização docente, bem como suas implicações no ambiente de trabalho.

A escolha por esse tipo de revisão dar-se em razão de possibilitar uma visão ampla do campo investigativo, permitindo organizar de forma estruturada o que a literatura científica tem produzido sobre o tema. Espera-se que os achados possam contribuir com políticas institucionais que envolvam desde ações estruturais e de gestão até iniciativas de acolhimento psicossocial, formação continuada e escuta ativa dos docentes, como forma de prevenir o adoecimento e favorecer uma permanência saudável (Santos; Silva; Belmonte, 2021), além da formulação de estratégias de cuidado coletivo, redes de apoio psicológico, programas

de valorização profissional e políticas públicas que assegurem condições de trabalho mais estáveis e saudáveis para os professores universitários brasileiros (Caldas et al., 2022; De Lima; Paloski, 2024).

II. Material And Methods

Entende-se que o tipo de revisão adotado deve responder às especificidades do objeto, sendo a presente revisão de escopo a abordagem mais adequada para dar conta da complexidade e fragmentação do campo investigado (Peters et al., 2020). A escolha pela revisão de escopo se dá pela própria natureza e perspectiva cartográfico-exploratória do método – que permite mapear a extensão, a diversidade e as lacunas do conhecimento existente, além de captar os múltiplos determinantes envolvidos e que convergem com os propósitos metodológicos da revisão de escopo, conforme delineado por Peters et al. (2020).

No contexto metodológico da revisão de escopo, o termo mapeamento teve um sentido técnico e epistemológico específico. Ele não significou simples ato de “listar” ou “descrever” estudos, mas sim de “cartografar” o terreno do conhecimento produzido, mapeando sentidos, padrões e zonas de tensão que aparecem na produção científica (Peters et al., 2020; Braun; Clarke 2021). O protocolo da revisão foi registrado na plataforma OSF sob protocolo de revisão de escopo sob registro (DOI 10.17605/OSF.IO/GBMFU), assegurando transparência e rigor metodológico (Lockwood; Dos Santos; Pap, 2019).

Tipo de Estudo

Trata-se de uma revisão de escopo (*scoping review*), conduzida com base na metodologia proposta pelo Joanna Briggs Institute (JBI), conforme delineado por Peters et al. (2020). A revisão de escopo é uma abordagem metodológica especialmente indicada para mapear a amplitude, a natureza e as principais características de uma área do conhecimento ainda pouco consolidada, em que os estudos existentes se apresentam de forma fragmentada, dispersa ou conceitualmente indefinida (Arksey; O'Malley, 2005; Levac; Colquhoun; O'brien, 2010). Assim, ela se diferencia de outras modalidades de revisão sistemática por não buscar necessariamente avaliar a qualidade ou efetividade das evidências, mas sim compreender como determinado fenômeno tem sido abordado na literatura científica – o que é particularmente relevante no caso do sofrimento psíquico de docentes universitários no Brasil.

A elaboração e apresentação desta revisão seguiram as diretrizes metodológicas propostas pela Extensão do PRISMA para Revisões de Escopo (PRISMA-ScR), conforme recomendam Tricco et al. (2018), com o objetivo de garantir transparência, reprodutibilidade e rigor científico em todas as etapas do processo. O PRISMA-ScR tem se consolidado como instrumento de referência internacional para a estruturação e o relato sistemático de revisões de escopo, contribuindo para maior confiabilidade e consistência dos achados (Tricco et al., 2018).

Adicionalmente, a definição da questão de pesquisa e a delimitação dos critérios de elegibilidade foram orientadas pelo modelo metodológico PICo — acrônimo para População, Interesse (ou Conceito) e Contexto — conforme diretrizes do próprio JBI (Peters et al., 2020). Essa ferramenta é amplamente empregada em revisões de escopo pela sua capacidade de operacionalizar perguntas amplas e exploratórias, respeitando a complexidade dos fenômenos sociais e educacionais. Neste estudo, os elementos foram definidos da seguinte forma: População (P): docentes atuantes no ensino superior brasileiro; Interesse (I): sofrimento psíquico e fatores associados (como estresse ocupacional, burnout e adoecimento mental); Contexto (Co): instituições de ensino superior no Brasil, tanto públicas quanto privadas.

Critérios de Elegibilidade e Estratégia de Busca

Os critérios de elegibilidade foram estabelecidos com base na estratégia metodológica PICo, assegurando a coerência epistemológica entre a pergunta de pesquisa, a seleção dos estudos e os objetivos exploratórios da revisão. Sua definição foi orientada pelas recomendações do Joanna Briggs Institute (Peters et al., 2020), visando garantir a relevância e a qualidade do corpus analisado.

Adotaram-se os seguintes critérios de inclusão: Estudos que abordem docentes do ensino superior, atuantes em instituições brasileiras, sejam públicas ou privadas; Trabalhos que discutissem aspectos relacionados ao sofrimento psíquico, incluindo saúde mental, estresse ocupacional, burnout, adoecimento mental ou fatores de risco e proteção associados à saúde emocional de professores universitários; Investigações conduzidas em qualquer área do conhecimento, desde que situadas no contexto de instituições de ensino superior no Brasil; artigos científicos publicados em periódicos revisados por pares, disponíveis integralmente; Publicações em língua portuguesa, com recorte temporal entre 2020 e 2024, abrangendo um período de transições significativas nas políticas educacionais e nas condições de trabalho docente, notadamente acentuadas por reformas institucionais e pela pandemia de COVID-19.

Foram definidos como critérios de exclusão: Estudos que tratassem exclusivamente de professores da educação básica ou de níveis de ensino distintos do superior; Trabalhos que abordassem apenas aspectos da saúde física, sem relação explícita com a saúde mental; Artigos que não contemplassem realidades brasileiras,

ou aqueles realizados no Brasil mas sem disponibilidade do texto na íntegra; Pesquisas acadêmicas não publicadas, como monografias, dissertações e teses, bem como editoriais, cartas ao editor e resenhas, por não atenderem aos critérios de rigor científico exigidos.

As bases selecionadas para a busca foram: MEDLINE, LILACS, BDNF e SciELO, escolhidas por sua relevância nas áreas da saúde coletiva, educação e ciências humanas aplicadas. Os registros iniciais identificados foram: MEDLINE (78), LILACS (52), BDNF (16) e SciELO (15).

A estratégia de busca baseou-se na combinação de descritores controlados e palavras-chave livres, organizadas a partir da estrutura PICO. Utilizou-se, principalmente, os termos: “saúde mental”, “docentes” e “universidades”, conectados por meio do operador booleano AND. A busca foi inicialmente testada na base SciELO, com a seguinte formulação: ("saúde mental") AND ("docentes") AND ("universidades"), sendo posteriormente adaptada às demais bases, respeitando suas especificidades sintáticas e estruturais.

Assim, a definição dos critérios e a elaboração da estratégia foram conduzidas de forma gradual e iterativa, partindo de testes preliminares que permitiram refinar a combinação dos descritores e avaliar a sensibilidade da formulação. A partir desses ajustes, foi possível adaptar os filtros de pesquisa e ampliar a abrangência nas demais bases, garantindo maior aderência ao escopo temático definido. Esse processo seguiu as diretrizes metodológicas para revisões de escopo propostas por Colquhoun et al. (2014), que recomendam estratégias de busca amplas e inclusivas, capazes de refletir a diversidade de abordagens existentes no campo investigado. A Figura 1 apresenta a organização da estratégia de busca, com os termos utilizados e sua correspondência com os componentes da metodologia PICO.

Figura 1- Estratégia de busca para seleção dos estudos. Brasil, 2025.

Pergunta	O que a literatura científica nacional tem revelado sobre o sofrimento psíquico de professores universitários e seus fatores associados?		
Tipo	P	I	Co
Palavra-chave	Professores do ensino superior no Brasil	Adoecimento Psíquico	Instituições de ensino superior no Brasil.
Descritores DECS	Docentes	Saúde mental OR Transtornos mentais	Universidades
Descritores MESH	Faculty OR Teachers	Saúde mental OR Transtornos mentais	Universities

Fonte: Autoria própria, com base no modelo metodológico do Ceará JBI (2019).

O registro sistemático de cada etapa — incluindo exclusões, reformulações de termos e cruzamentos com os elementos do modelo PICO — assegurou não apenas a rastreabilidade do percurso metodológico, mas também a fidelidade ao objetivo central desta revisão.

Triagem e Seleção dos Estudos Para a Revisão de Escopo

Durante a triagem dos estudos, optou-se por uma abordagem intencionalmente abrangente, característica das revisões de escopo, que permitisse incluir diferentes desenhos metodológicos e tipos de produção científica — desde estudos qualitativos até investigações com enfoque quantitativo descritivo, desde que articulados ao objeto da revisão. Essa abordagem teve como base os critérios de elegibilidade previamente definidos, com foco na aderência temática, conceitual e metodológica dos estudos ao escopo da revisão.

A seleção foi realizada em três etapas sequenciais: (1) leitura dos títulos, (2) leitura dos resumos e (3) leitura integral dos textos completos. Essa decisão metodológica, fundamentada em Arksey e O’Malley (2005), possibilitou não apenas reconhecer a pluralidade de abordagens sobre o sofrimento psíquico de docentes universitários, mas também capturar produções que, embora não atendessem a critérios de alto rigor estatístico (como exigido em revisões com metanálise), ofereceram contribuições conceituais e contextuais relevantes.

Os artigos inicialmente recuperados por meio da estratégia de busca foram organizados em uma planilha eletrônica, contendo campos específicos para título, ano, autores, base de dados, periódico e disponibilidade do texto completo. Essa organização sistemática possibilitou transparência, padronização e rastreabilidade das decisões tomadas ao longo da triagem. Ainda nessa primeira etapa, realizou-se a leitura dos títulos, seguida da leitura dos resumos, com a exclusão imediata de estudos que não atendiam aos critérios metodológicos ou conceituais – como editoriais, cartas ao editor, dissertações, teses e resenhas. Essa triagem inicial permitiu refinar o corpus potencial, mantendo apenas os estudos que apresentavam aderência explícita ao tema da saúde mental de docentes do ensino superior.

Na leitura integral, manteve-se a perspectiva ampliada da *scoping review*, o que permitiu a inclusão de estudos com distintos níveis de complexidade metodológica, desde que evidenciassem consistência temática e potencial para compor o mapeamento proposto. Foram considerados especialmente a centralidade do sofrimento psíquico no corpo do estudo, os fatores de risco e proteção identificados, o contexto institucional (público ou privado) e as implicações para o exercício da docência.

Ao final das etapas, 19 artigos foram selecionados para compor o corpus de análise da revisão, todos devidamente documentados quanto aos critérios que justificaram sua inclusão. Portanto, a seleção foi conduzida com registro sistemático das exclusões e justificativas em cada fase, garantindo rigor e auditabilidade — exigência fundamental para revisões de escopo, conforme recomendam Tricco et al. (2018) e o protocolo do PRISMA-ScR. O número total de artigos identificados, triados e incluídos está representado visualmente no Fluxograma PRISMA, conforme apresentado na Figura 2:

Figura 2- Fluxograma PRISMA do processo de seleção dos títulos para compor o corpus.



Fonte: elaboração própria, com recurso em Tricco et al. (2018).

Extração e Análise dos Dados

A extração dos dados nos estudos incluídos foi realizada com o apoio de uma planilha eletrônica estruturada no Microsoft Excel®, contendo campos previamente definidos para garantir a sistematização, a rastreabilidade e a padronização das informações, conforme recomendam as diretrizes metodológicas do Joanna Briggs Institute (Peters et al., 2020) e do PRISMA-ScR (Tricco et al., 2018). Essa estruturação prévia permitiu alinhar os dados extraídos aos objetivos da revisão e assegurar consistência entre os estudos incluídos. Foram registrados os seguintes elementos: autor(es)/ano de publicação, objetivos, contexto institucional (público ou privado), principais resultados relacionados ao sofrimento psíquico dos docentes, fatores de risco ou implicações para o sofrimento.

A análise dos dados seguiu uma abordagem descritiva com orientação temática, adequada às revisões de escopo por permitir o mapeamento e a sistematização de categorias amplas e multifatoriais. A análise temática pode remeter a diferentes autores e tradições na pesquisa qualitativa, de tal maneira que, na revisão em tela, optou-se por uma abordagem temática com raízes em psicologia e ciências sociais críticas. Ou seja, para identificar padrões de sentido, agrupamentos conceituais e recorrências nos achados, adotou-se uma leitura crítica fundamentada na proposta de análise temática de Braun e Clarke (2006, 2021), amplamente reconhecida por sua flexibilidade analítica e aplicabilidade em estudos qualitativos e de revisão.

Os dados foram organizados em quadros síntese, com o propósito de integrar visualmente os principais achados e facilitar a compreensão das relações entre os fatores identificados. Esse tipo de representação gráfica não apenas sistematiza a informação, mas também atua como instrumento de análise, ao permitir que o pesquisador visualize padrões, contrastes e lacunas nos dados (Miles; Huberman; Saldaña, 2019). Mais do que recursos ilustrativos, tais ferramentas funcionaram como estratégias interpretativas, que possibilitaram a construção de um panorama articulado sobre as condições de sofrimento, proteção e vulnerabilidade descritas na literatura científica nacional sobre o tema, contribuindo para a identificação de lacunas e potenciais caminhos para futuras investigações e intervenções no campo da saúde docente.

Percurso Reflexivo e Sistemático da Análise

A etapa de análise dos dados exigiu um percurso reflexivo e sistemático, em consonância com os princípios da análise temática em revisões de escopo. A partir dos 19 artigos incluídos, foram realizadas múltiplas leituras para familiarização com o conteúdo, destacando-se os elementos relacionados ao sofrimento psíquico docente em suas diversas manifestações. Conforme orientam Braun e Clarke (2006, 2021), uma codificação inicial buscou identificar unidades de sentido recorrentes nos estudos — tanto em relação aos fatores psicossociais de adoecimento quanto aos contextos institucionais e às condições estruturais de trabalho.

Os dados extraídos, previamente organizados em planilha eletrônica, foram analisados de forma indutiva e categorizados segundo a relevância temática, a frequência de aparecimento dos tópicos e a aderência aos objetivos do estudo. Essa leitura crítica resultou na formulação de três categorias analíticas macroestruturais, ancoradas nos objetivos específicos da revisão, que organizam o mapeamento em blocos interpretativos amplos:

- I. **Fatores psicossociais relacionados ao sofrimento psíquico de docentes universitários**, que englobam dimensões subjetivas, emocionais, relacionais e condições pessoais associadas ao bem-estar ou adoecimento docente;
- II. **Determinantes do sofrimento psíquico no contexto comparado de instituições públicas e privadas**, incluindo diferenças de infraestrutura, exigências institucionais, cultura organizacional, valorização profissional e suporte institucional;
- III. **Elementos institucionais associados à intensificação e precarização do trabalho docente**, tais como sobrecarga administrativa, produtivismo acadêmico, instabilidade contratual, pressão por resultados e impactos sobre o ambiente de trabalho e a saúde mental.

As três macrocategorias respeitam a lógica exploratória e cartográfica da revisão de escopo (PETERS et al., 2020), estruturando os capítulos da seção de resultados e abrigando, em seu interior, os diferentes eixos temáticos emergentes da análise dos estudos. A abordagem adotada buscou não apenas identificar padrões recorrentes, mas também captar zonas de tensão, lacunas teóricas e práticas institucionais divergentes, compondo uma leitura ampliada e crítica do campo investigado.

A diversidade metodológica e geográfica dos estudos foi considerada na interpretação dos dados, preservando a complexidade do fenômeno. Com base nessa estrutura integrada, os resultados são apresentados de forma articulada, evidenciando inter-relações entre os achados, suas convergências e contradições. Essa organização visa aprofundar a análise crítica do campo, permitindo visualizar tanto os padrões recorrentes quanto as lacunas identificadas nos estudos revisados.

III. Result And Discussion

A partir da leitura dos 19 estudos incluídos nesta revisão de escopo, foram identificados diversos achados relacionados ao sofrimento psíquico de docentes do ensino superior no Brasil. Os dados extraídos foram organizados à luz de três categorias analíticas previamente definidas, desdobradas em eixos temáticos emergentes, conforme detalhamento a seguir. Para sistematizar os achados, foi elaborado um quadro (Figura 1), que organiza as evidências segundo quatro elementos centrais: a referência do estudo, o objetivo da investigação, os achados relacionados a fatores psicossociais e as implicações para o sofrimento docente.

Figura 3 – Panorama das pesquisas e síntese de evidências sobre fatores psicossociais e sofrimento mental no trabalho docente

Referência	Objetivo do Estudo	Contexto Institucional	Achados Relacionados a Fatores Psicossociais	Implicações para o Sofrimento Docente
Carvalho (2024)	Analisar as relações entre fatores psicossociais do trabalho, saúde mental e comprometimento afetivo de docentes da educação básica.	Público O estudo é vinculado à Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL), instituição pública federal, com foco em docentes da educação básica pública.	Conflito e ambiguidade de papéis, sobrecarga de trabalho, conflito trabalho-família e insatisfação laboral estiveram associados ao aumento de transtornos mentais comuns e à redução do comprometimento afetivo.	A precarização das condições de trabalho e a sobreposição de funções impactam diretamente a saúde mental e o engajamento institucional dos docentes.
Pinho et al. (2023)	Identificar e avaliar criticamente evidências científicas sobre estresse ocupacional e transtornos mentais entre docentes do ensino superior na perspectiva de gênero.	Público Estudo de caso realizado com docentes da Universidade do Estado do Amazonas (UEA), uma instituição pública estadual.	Sobrecarga, pressão por produtividade, baixa autonomia, desigualdade de gênero, precarização das condições de trabalho e altos índices de estresse e transtornos mentais comuns.	A invisibilização da perspectiva de gênero e a ausência de apoio institucional agravam os impactos psicossociais sobre docentes, especialmente mulheres.
Castro-Paniagua et al. (2023)	Investigar a relação entre inteligência emocional, emoções negativas e desempenho laboral em docentes universitários peruanos.	Público O estudo envolve docentes da Universidade Federal do Espírito Santo (UFES) e da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), ambas instituições públicas federais brasileiras.	Inteligência emocional associada a menor expressão de emoções negativas e maior desempenho; emoções negativas impactam negativamente a saúde mental e a produtividade docente.	Estratégias de desenvolvimento emocional podem atuar como fator de proteção frente ao sofrimento psicossocial no ambiente universitário.
Baptista et al. (2023)	Apresentar indicadores de saúde mental e fatores associados entre docentes	Público Estudo realizado com docentes de quatro	Alta prevalência de ansiedade, estresse e depressão ligados ao isolamento, falta de apoio	O distanciamento social e o abandono institucional agravam o sofrimento

Referência	Objetivo do Estudo	Contexto Institucional	Achados Relacionados a Fatores Psicossociais	Implicações para o Sofrimento Docente
	universitários durante a pandemia de COVID-19.	universidades federais do Centro-Oeste brasileiro	institucional, diagnóstico prévio de transtornos mentais e sobrecarga emocional.	mental, evidenciando a vulnerabilidade psíquica dos docentes em contextos emergenciais.
Teixeira et al. (2023)	Compreender a relação entre emoções negativas e sofrimento psíquico em docentes de instituições públicas e privadas no contexto da pandemia de COVID-19.	Ambos (público/privado) Estudo com docentes de instituições públicas e privadas de ensino superior, no estado do Rio de Janeiro.	Medo, insegurança, solidão, sentimento de impotência e luto estiveram presentes nas experiências docentes, intensificados pela falta de preparo institucional e ausência de suporte durante o ensino remoto.	As emoções negativas amplificadas pela negligência institucional configuraram um cenário crítico de adoecimento psíquico, especialmente em instituições privadas.
Leite e Silva; Rodrigues (2023)	Analisar a prevalência da Síndrome de Burnout em docentes universitários da área da saúde.	Público Estudo realizado em instituição pública brasileira, conforme descrito no método; docentes da área da saúde.	Altos índices de exaustão emocional, despersonalização e baixa realização profissional; sobrecarga de trabalho, múltiplos vínculos e ausência de tempo para lazer.	As condições de trabalho revelaram um ambiente propício ao adoecimento, com prevalência preocupante de Burnout entre os participantes.
Matias et al. (2022)	Analisar as consequências da intensificação do trabalho docente universitário em tempos de pandemia, sob a ótica das mulheres professoras.	Público Pesquisa realizada com professoras de uma universidade pública federal do Norte do Brasil, ainda que não cite diretamente o nome da instituição	Acúmulo de funções laborais e domésticas, jornada ampliada, vigilância institucional, culpabilização do docente e invisibilidade da sobrecarga emocional - foco em gênero e intensificação do trabalho.	O processo de intensificação do trabalho, atravessado por marcadores de gênero, agrava o sofrimento psíquico de docentes, especialmente mulheres.
Barros (2022)	Discutir os efeitos do produtivismo acadêmico nas condições de trabalho e saúde mental de docentes universitários.	Público Pesquisa com docentes de uma universidade pública do estado do Rio de Janeiro (UERJ)	Excesso de cobranças por desempenho e produtividade, pressão para publicação, sensação de fracasso e autocobrança exacerbada, associadas ao adoecimento psíquico.	O produtivismo universitário cria um ambiente hostil à saúde mental docente, intensificando quadros de esgotamento e comprometendo o equilíbrio emocional.
Caldas et al. (2022)	Revisar sistematicamente estudos sobre adoecimento mental de servidores das universidades públicas brasileiras e seus impactos.	Público Estudo sobre adoecimento mental de servidores das universidades públicas brasileiras, com foco em professores da Universidade Federal do Amazonas	Estresse ocupacional, burnout, pressão por produtividade, precarização das condições de trabalho, falta de reconhecimento, burocracia, sobrecarga de trabalho — com impacto maior sobre docentes mulheres.	A intensificação do trabalho em um contexto neoliberal acarreta sofrimento ético-político e adoecimento mental, revelando desigualdades de gênero e falta de suporte institucional.
Araujo et al. (2023)	Explorar a prevalência e os fatores associados à Síndrome de Burnout em docentes das Licenciaturas de Ciências da Saúde da Udelar.	Público Pesquisa realizada com docentes da Universidade da República (Udelar), no Uruguai, que é uma instituição pública.	Fadiga emocional elevado (45%), baixa realização pessoal (18%) e despersonalização (10%). Sobrecarga emocional decorrente da atuação docente, intensificada no contexto pós-pandêmico.	Indica risco de adoecimento mental relacionado à exaustão emocional, com potencial prejuízo à qualidade de vida e ao desempenho docente.
Santos, Silva e Belmonte (2021)	Compreender as percepções de professores sobre os efeitos da pandemia da COVID-19 na rotina de trabalho e na saúde de docentes de uma universidade pública.	Público Estudo com docentes da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), no contexto da pandemia de COVID-19.	Sobrecarga, estresse, isolamento social, insegurança institucional, medo, exigência emocional, ausência de acolhimento institucional e suporte organizacional.	A pandemia agravou vulnerabilidades já existentes no trabalho docente, revelando lacunas institucionais no cuidado com a saúde mental dos professores.
Freitas et al. (2021)	Estimar prevalência e fatores associados a sintomas de depressão, ansiedade e estresse em docentes universitários durante a pandemia.	Privado Pesquisa com professores de uma instituição de ensino superior privada do interior de Minas Gerais	50% com sintomas depressivos, 37,4% com ansiedade e 47,2% com estresse. Fatores associados: múltiplos vínculos empregatícios, idade, estado civil e isolamento social.	A pandemia agravou o sofrimento psíquico dos docentes da saúde, acentuando a sobrecarga emocional e as dificuldades nas relações interpessoais.
Gomes et al. (2021)	Refletir sobre os eventos do processo de trabalho que comprometem a saúde mental de docentes universitários durante a pandemia de COVID-19.	Não especificado O artigo trata de docentes universitários, mas não delimita o setor (público/privado); aborda genericamente o impacto da	Sobrecarga emocional, dificuldade com TICs, autocobrança, pressão institucional, acúmulo de tarefas domésticas e laborais, desigualdade de gênero.	A desorganização institucional e a falta de acolhimento diante da nova realidade pandêmica contribuíram diretamente para o sofrimento docente.

Referência	Objetivo do Estudo	Contexto Institucional	Achados Relacionados a Fatores Psicossociais	Implicações para o Sofrimento Docente
		pandemia.		
Guerra et al. (2021)	Caracterizar o estresse ocupacional em docentes da área da saúde expostos a riscos biológicos.	Público A pesquisa foi realizada em uma universidade federal, ainda que o nome exato da instituição não seja mencionado diretamente.	Estresse crônico relacionado à exposição a riscos biológicos, clima organizacional inadequado, pressões tecnológicas e baixa coesão grupal.	Docentes, especialmente os da saúde, apresentam riscos psicobiológicos elevados, demandando intervenção preventiva mesmo com níveis de estresse tidos como “baixos”.
Oliveira et al. (2021)	Identificar o estilo de vida de docentes universitários na literatura científica internacional.	Não especificado Revisão de literatura sobre estilo de vida docente com abrangência internacional — não delimita o setor institucional.	Elevados níveis de estresse e hábitos prejudiciais à saúde associados à rotina docente (pouca atividade física, consumo de álcool, sono irregular, sobrecarga de trabalho).	A precariedade do estilo de vida compromete a saúde integral do docente e acentua a vulnerabilidade ao adoecimento físico e emocional.
Lopes-Pereira et al. (2020)	Investigar os preditores associados à qualidade de vida no trabalho de docentes em uma universidade pública brasileira.	Público Estudo realizado em universidade federal do Sudoeste de Goiás	Insatisfação com a condição física e psíquica, falta de tempo para lazer, ausência de suporte psicológico e relação entre tempo de serviço e baixa qualidade de vida no trabalho.	A precarização dos vínculos institucionais e a ausência de ações de cuidado organizacional comprometem a saúde integral do docente universitário.
Darbshire et al. (2020)	Refletir sobre os fatores que contribuem para o burnout entre docentes de farmácia nos EUA, e discutir estratégias institucionais de mitigação.	Público O estudo é desenvolvido na Purdue University College of Pharmacy, uma instituição pública norte-americana, com foco na saúde mental de professores universitários.	Carga de trabalho elevada, ausência de mentoria, falta de equilíbrio entre vida pessoal e trabalho, ambiente organizacional negativo, e sobrecarga emocional. Mulheres e docentes em início de carreira foram apontados como mais vulneráveis.	A ausência de políticas institucionais voltadas à saúde mental e à valorização docente intensifica o risco de burnout, sobretudo entre grupos mais expostos à pressão acadêmica.
Lopes-Pereira et al. (2020)	Analisar fatores preditores associados à percepção da Qualidade de Vida no Trabalho (QVT) entre docentes de universidade pública.	Público O estudo foi realizado em uma universidade pública portuguesa, com foco em docentes do ensino superior e sua vivência institucional, marcada por relações de trabalho e questões geracionais.	Tempo de serviço e problemas de saúde relacionados ao trabalho foram preditores de pior QVT. Condições insatisfatórias em saúde, lazer e relações interpessoais impactam negativamente a QVT.	O tempo prolongado na função sem suporte adequado leva à redução da satisfação laboral e maior risco de sofrimento físico, psíquico e relacional, exigindo políticas de cuidado organizacional.
D’Oliveira et al. (2020)	Analisar repercussões do trabalho docente na saúde de professores de enfermagem sob a lógica neoliberal.	Público Estudo realizado com professores da Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), conforme identificado no corpo do artigo	Multifuncionalidade, intensificação do trabalho, desvalorização, precarização das condições e exigência por produtividade. Sintomas: estresse, depressão, irritabilidade e esgotamento.	A lógica neoliberal no ensino superior favorece o adoecimento docente ao impor ritmos desumanizantes de trabalho e negligenciar o autocuidado.

Fonte: Autoria própria, com base nos artigos da revisão de escopo.

Esse instrumento favorece a visualização dos padrões e especificidades dos 19 estudos analisados, além de constituir a base empírica para o desenvolvimento das análises. Sua elaboração permitiu identificar regularidades, recorrências temáticas e nuances interpretativas entre os diferentes contextos institucionais investigados, além de viabilizar comparações transversais entre fatores psicossociais, setores de ensino (público e privado) e efeitos sobre o sofrimento docente. Com base nessa organização empírica, foi possível construir os eixos temáticos, os quais orientam a análise interpretativa e o aprofundamento crítico das macrocategorias.

Fatores Psicossociais Relacionados ao Sofrimento Psíquico de Docentes Universitários

Este primeiro eixo analítico contempla os fatores diretamente ligados à vivência subjetiva dos docentes no ambiente universitário. Embora atravessados por contextos institucionais mais amplos, esses fatores se manifestam sobretudo nas relações interpessoais, na percepção de reconhecimento profissional e nas emoções que permeiam o cotidiano acadêmico. A análise temática revelou a recorrência de elementos psicossociais que contribuem para o sofrimento docente, organizados nos eixos discutidos a seguir.

Sobrecarga emocional e exaustão

A sobrecarga emocional e a exaustão aparecem como os fatores psicossociais mais relatados nos estudos analisados, descritos tanto por meio de evidências clínicas — como estresse crônico, ansiedade e burnout — quanto por vivências subjetivas de esgotamento e perda de sentido no trabalho. A incidência de sintomas associados à Síndrome de Burnout (exaustão emocional, despersonalização e baixa realização pessoal) é recorrente em diversos contextos investigados, marcados por carga intensa de tarefas, múltiplos vínculos empregatícios e escassez de tempo para lazer ou autocuidado. (Araujo et al., 2022; Martin; Dupuy, 2022; Leite; Silva, 2023).

Os dados são ricos de evidências quanto ao acúmulo de funções (intra)institucional, tratando-se de um elemento estruturante do sofrimento, com destaque para docentes que atuam simultaneamente em ensino, pesquisa, extensão, orientação, gestão e apoio psicopedagógico. Especialmente entre os que atuam em tempo integral sem equilíbrio entre vida pessoal e profissional, a exaustão tende a se agravar. Já entre aqueles com mais de um emprego ou contratos instáveis, a sobrecarga tende a ser ainda mais severa, levando à exaustão emocional, além de física. A precarização contratual, muitas vezes invisibilizada nos discursos institucionais, atua, assim, como fator agravante nesses contextos. (Matias, 2022; Pinho et al., 2023; Guerra et al., 2021).

O fenômeno pandêmico intensificou significativamente o quadro dos sofrimentos, ampliando também a exigência emocional e cognitiva sobre os docentes (Freitas et al., 2021; Baptista et al., 2023; Matias et al., 2022). A adoção súbita de tecnologias digitais – e exigências ligadas à adaptação tecnológica rápida –, a necessidade de acolhimento emocional de estudantes em sofrimento pelo acúmulo de demandas familiares, perda da dinâmica acadêmico e isolamento social foram fatores apontados como gatilhos importantes de desgaste psíquico. Gomes et al. (2021) e Teixeira et al. (2023) reforçam que, nesse período, a sobrecarga docente foi agravada pela sobreposição entre funções laborais e domésticas – identificou-se a intensificação do trabalho e o acúmulo de funções domésticas e laborais como agravantes do sofrimento docente durante a pandemia, sendo um fenômeno particularmente acentuado em mulheres, conforme apontado por Matias (2022) e Pinho et al. (2023), que associam essas vivências ao recorte de gênero.

Ao realizar uma metanálise de intervenções em saúde mental, Halat et al. (2024) confirmam que a sobrecarga e o isolamento são fatores críticos para o aumento de sintomas depressivos e ansiosos, ao passo que intervenções como *mindfulness*, coaching e ações institucionais de suporte mostraram-se eficazes na redução dos níveis de estresse. Já D'Oliveira et al. (2020) e Caldas et al. (2022) relacionam diretamente a intensificação do trabalho docente à lógica neoliberal e à pressão por produtividade, apontando que a ausência de medidas de cuidado organizacional contribui para o esgotamento progressivo da categoria.

Relações interpessoais fragilizadas

A fragilidade dos vínculos interpessoais no ambiente universitário constitui um componente relevante para a compreensão dos fatores psicossociais que podem atuar tanto como vetores de sofrimento quanto como instâncias de proteção, a depender de como essas relações são mediadas no contexto institucional. Santos, Oliveira e Alves (2016) destacam que o enfraquecimento dos laços entre colegas potencializa o sofrimento psíquico, enquanto espaços de troca, escuta e valorização mútua funcionam como importantes fatores de proteção emocional. Por outro lado, a ausência de instâncias formais para escuta ativa, partilha e acolhimento afetivo é apontada como um entrave significativo à construção de relações mais saudáveis entre docentes universitários, como evidenciam Matias et al. (2022), Teixeira et al. (2023) e Gomes et al. (2021).

A baixa coesão grupal, a escassez de práticas colaborativas e a comunicação limitada contribuem para a sensação de desamparo entre os docentes, como indicam Guerra et al. (2021). Esses elementos, associados a um clima organizacional inadequado, geram a fragmentação dos vínculos entre colegas, intensificam o sentimento de isolamento e dificultam tanto a busca por apoio pessoal quanto o enfrentamento coletivo das adversidades. Tais barreiras relacionais, por sua vez, tendem a se agravar em ambientes institucionais marcados por hierarquização, competitividade e baixa abertura ao diálogo (Smith et al., 2022; Caldas et al., 2022).

As dificuldades de comunicação e cooperação – especialmente entre docentes com diferentes tempos de inserção institucional – têm sido identificadas como fontes significativas de tensão nas relações de trabalho. Lopes-Pereira et al. (2020) destacam a presença de conflitos geracionais e disputas por reconhecimento entre professores mais antigos e recém-ingressos, o que dificulta a construção de vínculos solidários e o compartilhamento de experiências. O tempo de serviço e as lacunas intergeracionais, segundo os autores, também criam barreiras à integração entre esses pares, favorecendo o isolamento. Nessas configurações, a busca por ascensão profissional e o medo de exposição ao sofrimento psíquico reduzem a possibilidade de criação de redes de apoio (Smith et al., 2022; Lopes-Pereira et al., 2020).

Em síntese, os achados indicam que a precarização simbólica das relações interpessoais – marcada pela indiferença institucional e pela fragmentação dos coletivos docentes – constitui um importante vetor de sofrimento psíquico nas universidades (Silva, 2017; Caldas et al., 2022). Essa fragilidade relacional pode ser agravada por disputas internas por cargos administrativos e oportunidades de ascensão, intensificando o mal-

estar subjetivo e dificultando o desenvolvimento de vínculos de apoio entre colegas. Nesse sentido, Smith et al. (2022) exploram o impacto do estigma e da solidão vivenciados por docentes em sofrimento psíquico, destacando como o medo de exposição e o ambiente competitivo inibem o autocuidado e a busca por ajuda. A ausência de espaços institucionais voltados à escuta ativa e à partilha emocional é apontada como um obstáculo à construção de pertencimento e apoio mútuo — como evidenciam Matias et al. (2022) e Teixeira et al. (2023), ao descreverem experiências de solidão docente, especialmente no contexto do ensino remoto.

Desvalorização subjetiva e reconhecimento profissional

O sentimento de desvalorização e ausência de reconhecimento institucional e simbólico é amplamente discutido por autores como Barros (2022), D'Oliveira et al. (2020) e Caldas et al. (2022), que apontam o produtivismo acadêmico como estrutura central no processo de adoecimento docente. A pressão por desempenho constante, metas inalcançáveis e o uso de métricas impessoais como critérios de mérito desencadeiam quadros de exaustão, frustração e autocobrança excessiva. Smith et al. (2022) observam que a internalização da culpa e o sentimento de fracasso estão fortemente associados à lógica meritocrática que rege as universidades. Tal contexto, ao negar o reconhecimento subjetivo do trabalho docente, favorece a perda de sentido na atividade e o afastamento emocional.

Estudos descrevem docentes que vivenciam sentimentos de baixa autoestima profissional, e de impotência frente ao sistema acadêmico (Barros, 2022; Smith et al., 2022; D'Oliveira et al., 2020). A ausência de reconhecimento, tanto simbólico quanto institucional, desponta como um componente central do sofrimento psicossocial. Por outro lado, iniciativas institucionais de valorização simbólica e fortalecimento da autoestima, como o letramento em saúde mental e a promoção de escuta e apoio mútuo, demonstraram efeitos positivos na percepção de bem-estar docente (Baptista et al., 2023; Halladay et al., 2024).

O conceito de letramento em saúde vai além da simples aquisição de informações. Refere-se à capacidade de acessar, compreender, avaliar criticamente e utilizar essas informações para tomar decisões autônomas sobre o cuidado com a saúde física e mental. No contexto docente, sua ampliação contribui para reduzir o estigma, fortalecer o autocuidado e aprimorar estratégias de enfrentamento frente ao sofrimento psíquico (Barbosa et al., 2022; Nutbeam (2000).

O reconhecimento, mesmo quando não formalizado, atua como moderador do estresse ocupacional, conforme indicam Pinho et al. (2023) e Santos, Oliveira e Alves (2016), ao favorecer a construção de vínculos afetivos com o trabalho e ampliar o sentimento de pertencimento institucional. Os professores relatam sentimentos de desvalorização, invisibilidade profissional e esgotamento relativo às demandas institucionais, especialmente quando essas são regidas por parâmetros de produtividade descolados da realidade cotidiana de trabalho (Barros, 2022; D'Oliveira et al., 2020; Matias, 2022). Essa percepção é intensificada pela lógica produtivista que rege muitas instituições de ensino superior, a qual impõe ritmos acelerados e define mérito com base em métricas objetivas — como número de publicações ou captação de recursos —, desconsiderando aspectos relacionais, formativos e afetivos da docência (Oliveira, Pereira e Lima, 2017).

Ao discutir o produtivismo acadêmico, Barros (2022) destaca que a pressão por desempenho constante pode desencadear sensação de fracasso e autodepreciação entre docentes que não conseguem atingir as metas. Tais sentimentos de inadequação são descritos por Smith et al. (2022) como parte de um ciclo de internalização do sofrimento, no qual o próprio docente passa a responsabilizar-se por sua ineficácia percebida. Em contraponto, o reconhecimento simbólico é mencionado como um fator protetivo relevante, ainda que pouco institucionalizado, conforme sugerem Pinho et al. (2023) e Baptista et al. (2023).

O reconhecimento simbólico, tal como aparece nos estudos analisados, refere-se à valorização subjetiva do trabalho docente no âmbito institucional, expressa por meio da escuta, do respeito, da legitimação pública e da consideração afetiva dos pares, da gestão e dos estudantes. Trata-se de uma forma de reconhecimento que transcende o aspecto contratual ou econômico e que incide diretamente na constituição da identidade profissional e no sentimento de pertencimento institucional. Em perspectiva teórica, esse entendimento dialoga com a noção de reconhecimento como elemento fundante da saúde psíquica no trabalho (Dejours, 1992) e como componente essencial da realização ética e simbólica do sujeito na coletividade. Quando presente, o reconhecimento simbólico contribui para a valorização subjetiva do trabalho docente e para a construção de vínculos afetivos com a prática profissional, atuando como moderador do estresse ocupacional (Santos; Oliveira; Alves, 2016).

Regulação emocional e fatores protetivos subjetivos

Embora em menor número, alguns estudos abordaram também os fatores protetivos internos que podem mitigar o sofrimento psicossocial. Castro-Paniagua et al. (2023) e Martel e Santana (2021) destacam que a inteligência emocional, especialmente a capacidade de regular emoções negativas, está associada a melhor desempenho e maior resistência ao burnout.

Esses achados sugerem que estratégias de fortalecimento das competências socioemocionais podem contribuir para a saúde mental docente, desde que estejam integradas a políticas institucionais amplas de suporte – o que é reforçado também nos estudos de Halat et al. (2024) e Halladay et al. (2024), ao apontarem intervenções de apoio organizacional como eficazes para reduzir estresse e ansiedade.

Determinantes do Sofrimento Psíquico no Contexto Comparado de Instituições Públicas e Privadas

Esta categoria analítica reúne os achados que evidenciam como os diferentes contextos institucionais do ensino superior configuram determinantes distintos do sofrimento psíquico entre docentes. Dentre os estudos incluídos nesta revisão de escopo, observa-se uma predominância de pesquisas realizadas em instituições públicas. Essa assimetria pode estar associada à maior tradição investigativa nas universidades públicas, à disponibilidade de financiamento público para pesquisa e à própria inserção acadêmica dos autores nesse setor. Por outro lado, em alguns estudos, a ausência de especificação quanto ao tipo de instituição (pública ou privada) levanta a hipótese de omissão intencional do vínculo com o setor privado, o que pode estar relacionado à insegurança institucional, à fragilidade contratual ou a possíveis conflitos éticos. Essa lacuna dificulta não apenas a delimitação precisa dos achados, mas também a construção de análises comparativas mais robustas entre os dois segmentos do ensino superior.

Apesar dessa assimetria e das limitações decorrentes da sub-representação do setor privado na amostra, é possível reconhecer que os dados analisados ainda oferecem subsídios relevantes para comparações institucionais. Essa concentração pode constituir um viés – ao dificultar a generalização de certos achados e limitar a robustez das comparações entre os contextos público e privado – mas não um impeditivo de comparações. Ou seja, mesmo que o artigo se refira explicitamente ao setor privado, ou não identifique claramente o setor, ainda assim pode conter pistas institucionais, culturais ou organizacionais que permitam comparações com o setor público.

Partindo dessa possibilidade analítica, torna-se relevante examinar como os determinantes do sofrimento psíquico se manifestam de forma diferenciada nos dois contextos institucionais. A análise dos estudos revela que as diferenças institucionais entre os setores público e privado se expressam por meio de configurações específicas do sofrimento docente, tanto em suas causas objetivas quanto nas formas de vivência subjetiva. A Figura 2, a seguir, apresenta uma síntese visual dessas distinções, organizando os principais determinantes institucionais do sofrimento psíquico de docentes segundo o tipo de instituição.

Figura 2- Comparativo entre determinantes institucionais do sofrimento docente em instituições públicas e privadas

Instituições Públicas	Instituições Privadas
Vínculo estatutário estável. Porém, com sobrecarga funcional e escassez de recursos (Caldas et al., 2022)	Contratos temporários e vínculos horistas, sem garantias trabalhistas (Teixeira et al., 2023)
<ul style="list-style-type: none"> Sucateamento estrutural, déficit de docentes efetivos e restrições orçamentárias (D’Oliveira et al., 2020) Acúmulo de funções docentes e domésticas, sobretudo entre mulheres, intensificou o sofrimento emocional (Gomes et al., 2021) Precarização e sobreposição de funções em IES públicas fora dos grandes centros (Carvalho, 2024) 	Ausência quase total de suporte institucional e de reconhecimento simbólico (De Lima & Paloski, 2024)
Participação em colegiados presente, mas com baixa efetividade política (Campos et al., 2020)	Estruturas hierarquizadas e decisões verticais com pouca escuta docente (Gemelli e Closs, 2023);
Políticas de bem-estar incipientes e fragmentadas (Matias, 2022)	<ul style="list-style-type: none"> Ambiente competitivo, meritocrático e isolado, com forte estigma institucional associado ao sofrimento mental. (Smith et al., 2022) Cultura organizacional orientada por lógica produtivista acentua o estigma e o isolamento docente (Smith et al., 2022).
<ul style="list-style-type: none"> Ausência de canais institucionais de escuta e acolhimento agravou o sofrimento psíquico durante a pandemia (Freitas et al., 2021) Poucas iniciativas institucionais de letramento em saúde mental e apoio emocional (Halladay et al., 2024) Falta de políticas de mentoria e acolhimento para docentes iniciantes, especialmente mulheres (Darbishire et al., 2020) Contradição entre discurso institucional de promoção da saúde e ausência de ações efetivas de suporte (Oliveira et al., 2021) Rarefeitas estratégias subjetivas de enfrentamento e valorização da inteligência emocional como fator protetivo (Castro et al., 2020) Condições de saúde e relações interpessoais fragilizadas impactam negativamente a qualidade de vida no trabalho (Lopes-Pereira et al., 2020) 	<ul style="list-style-type: none"> Iniciativas estruturadas de saúde mental são eficazes, mas pouco acessíveis em IES privadas (Halat et al., 2024) Emoções negativas amplificadas por negligência institucional caracterizam o sofrimento psíquico nas IES privadas (Teixeira et al., 2023)

Fonte: Autoria própria, com base nos artigos da revisão de escopo.

A análise dos estudos incluídos na revisão permite observar que, embora existam elementos comuns aos dois setores, como a intensificação do trabalho e a sobrecarga emocional (Martin & Dupuy, 2022; Caldas et al., 2022), há também especificidades marcantes em cada realidade. Conforme se verifica, no setor privado predominam relatos relacionados à instabilidade contratual, à pressão por desempenho e à lógica mercadológica que estrutura as relações de trabalho (Teixeira et al., 2023; Bosi, 2007; Gemelli & Closs, 2023). Já nas instituições públicas, o sofrimento docente está frequentemente relacionado com a sobrecarga de funções, ao sucateamento da infraestrutura e à escassez de políticas de valorização profissional (D'Oliveira et al., 2020; Caldas et al., 2022; Campos, Vêras & Araújo, 2020). Em ambos os contextos, a ausência de suporte institucional atua como agravante comum, conforme apontam Matias (2022) e Baptista et al. (2023). Os eixos temáticos a seguir desdobram essas evidências, articulando os achados empíricos aos contextos organizacionais em que se inserem.

Precarização contratual e instabilidade profissional no setor privado

Entre os estudos que abordam o contexto das instituições privadas de ensino superior, destaca-se a recorrência da precarização contratual como fator central na produção do sofrimento psíquico docente. A adoção generalizada de vínculos horistas, contratos temporários e modelos de contratação terceirizados compromete não apenas a estabilidade financeira dos professores, mas também afeta profundamente sua identidade profissional e seu sentimento de pertencimento institucional (Teixeira et al., 2023; Gemelli; Closs, 2023). Os contratos frágeis e despersonalizados contribuem para a vivência de um espaço de trabalho marcado pela desconfiança e descontinuidade, em que o corpo docente é tratado como força de trabalho flexível e substituível.

A insegurança contratual leva muitos docentes a acumularem vínculos em diferentes instituições, com cargas horárias fragmentadas e deslocamentos geográficos constantes, o que resulta em esgotamento físico, desgaste emocional e ansiedade relacionada à instabilidade financeira e profissional (De Lima; Paloski, 2024). Esses achados atualizam as análises clássicas de Bosi (2007), que já descrevia a lógica de mercado como estruturante da precarização docente, com impactos diretos sobre a saúde mental. A condição de “docente itinerante” compromete não apenas o desenvolvimento de vínculos institucionais, mas também a continuidade das práticas pedagógicas e a construção de trajetórias acadêmicas consolidadas.

Além da precariedade contratual, os estudos também apontam o modelo de gestão verticalizado, a ausência de colegialidade e a dificuldade de participação nas decisões acadêmicas como elementos que reforçam o sofrimento psíquico dos docentes do setor privado (Gemelli; Closs, 2023; Baptista et al., 2023). A lógica empresarial predominante em muitas instituições privadas restringe a autonomia docente e fragiliza os espaços coletivos de deliberação, instaurando uma cultura organizacional voltada ao controle, ao cumprimento de metas e à eficiência produtiva – em detrimento do cuidado com as relações de trabalho e da valorização da dimensão humana da docência.

Essa configuração institucional reforça a fragmentação dos coletivos docentes, dificultando a construção de vínculos solidários e estratégias coletivas de enfrentamento do sofrimento. A ausência de um projeto pedagógico partilhado e de espaços legítimos de escuta e participação contribui para o isolamento subjetivo dos professores, que vivenciam o sofrimento de forma silenciosa, individualizada e, muitas vezes, naturalizada (Minghetti et al., 2022; Santos et al., 2016). A competitividade interna, impulsionada por avaliações de desempenho e imposição de metas institucionais, intensifica esse quadro de vulnerabilidade psíquica e precarização das relações laborais (Gemelli; Closs, 2023; Baggio et al., 2024).

Por fim, os estudos analisados sugerem que, no setor privado, a intensificação do trabalho docente ocorre sem contrapartidas institucionais em termos de suporte emocional, reconhecimento simbólico ou estabilidade contratual. Essa combinação de fatores gera um cenário de adoecimento crônico, marcado por demandas crescentes e escassez de mecanismos institucionais de cuidado (De Lima; Paloski, 2024; Dalagasperina; Monteiro, 2016). A fragilidade contratual, portanto, não deve ser entendida apenas como uma condição administrativa: trata-se de um determinante estrutural, com efeitos profundos sobre a saúde mental dos professores universitários e sua relação com o próprio ofício (Bosi, 2007; Oliveira, 2020).

Sobrecarga estrutural e escassez de recursos nas instituições públicas

Nas instituições públicas de ensino superior, os fatores associados ao sofrimento psíquico docente se vinculam, majoritariamente, a uma lógica de sobrecarga estrutural, agravada pela escassez de recursos materiais e humanos e por uma persistente desvalorização simbólica do trabalho intelectual. Caldas et al. (2022) descrevem um cenário crônico de acumulação de funções – ensino, pesquisa, extensão, gestão acadêmica e orientação – em contextos marcados por infraestrutura deficiente, déficit na contratação de professores efetivos e escassez de insumos pedagógicos e tecnológicos, o que contribui para um cotidiano de trabalho exaustivo e adoecedor. Esses autores associam tais condições a sintomas como estresse elevado, fadiga emocional, sentimento de impotência e baixa realização profissional.

O sucateamento da universidade pública, resultante da retração orçamentária e da instabilidade das políticas públicas voltadas à educação superior, compromete não apenas a qualidade das atividades acadêmicas, mas também a saúde mental e a dignidade profissional dos docentes (D'Oliveira et al., 2020; Santos et al., 2022). Campos, Vêras e Araújo (2020) corroboram esse quadro ao demonstrar que a intensificação das demandas institucionais, sem o devido suporte coletivo, acarreta uma hiper responsabilização individual, favorecendo o surgimento de sofrimento ético, sentimento de frustração e sensação de desamparo institucional.

Além da sobrecarga funcional e da precarização estrutural, os docentes relatam vivências de desvalorização simbólica, tanto por parte da gestão institucional quanto da sociedade em geral. Essa desvalorização se expressa na invisibilização das dificuldades enfrentadas no cotidiano docente, na falta de reconhecimento institucional e no distanciamento entre os discursos meritocráticos e a realidade concreta do trabalho universitário (Matias, 2022; Silva; Paiva, 2018). Tais elementos favorecem a naturalização do sofrimento e dificultam o enfrentamento coletivo, consolidando um ambiente de trabalho marcado por isolamento profissional e silenciamento emocional.

Em períodos de crise institucional e descontinuidade de políticas públicas – como os vivenciados nos últimos anos – esses processos se agravam, gerando ciclos de desgaste acumulado. Caldas et al. (2022) e Barros (2022) apontam que, diante da precarização progressiva, muitos docentes desenvolvem sentimentos de inutilidade, esgotamento e desesperança, tornando-se mais vulneráveis a transtornos como a síndrome de burnout, depressão e ansiedade. Nesse cenário, a ausência de espaços institucionais para escuta e acolhimento psicológico reforça a percepção de que o sofrimento é individualizado e sem solução coletiva (Tibães et al., 2019).

Por fim, a análise dos estudos sugere que, no setor público, o sofrimento psíquico não decorre apenas do excesso de trabalho ou da falta de recursos, mas também da erosão do sentido da docência universitária diante de políticas que reduzem o papel da universidade pública e fragilizam os vínculos institucionais. A resistência a esse quadro, embora presente em diversas iniciativas docentes, carece de sustentação institucional e de políticas permanentes de valorização e cuidado. Como apontam De Araújo Fernandes, Marinho e Schmidt (2022), a falta de estratégias institucionais para o enfrentamento do sofrimento psíquico nas universidades públicas revela não apenas omissão administrativa, mas um descompasso estrutural entre o que se exige dos docentes e as condições concretas para o exercício da docência com saúde e dignidade.

Ausência ou presença de suporte institucional

A presença ou a ausência de suporte institucional configura-se como um dos elementos mais relevantes na mediação do sofrimento psíquico entre docentes do ensino superior. Nos estudos analisados, a carência de políticas institucionais voltadas ao bem-estar docente é um fator recorrente, tanto em instituições públicas quanto privadas. No entanto, a forma como essa ausência se manifesta difere entre os contextos, refletindo suas dinâmicas organizacionais específicas. Nas instituições privadas, a ausência de suporte é quase absoluta, como demonstram De Lima e Paloski (2024), corroborado por Gemelli e Closs (2023). Os autores concordam que, além da instabilidade contratual, há escassez de canais de escuta, inexistência de ações preventivas em saúde mental e baixa abertura institucional ao debate sobre o sofrimento docente.

A negligência institucional agrava a precarização simbólica do trabalho, dificultando a construção de vínculos e o sentimento de pertencimento. A forma simbólica de precarização não se restringe a condições materiais de trabalho, mas diz respeito à desvalorização subjetiva e institucional do docente, manifestada na ausência de reconhecimento, escuta e legitimidade dentro do espaço acadêmico. Silva (2017) e Caldas et al. (2022) tratam diretamente dessas dinâmicas ao analisarem o isolamento docente, a fragilidade dos vínculos institucionais e a invisibilidade do sofrimento no cotidiano universitário. Smith et al. (2022), por sua vez, explora como o estigma associado ao sofrimento psíquico e o silêncio institucional diante da dor docente configuram formas simbólicas de precarização, nas quais o trabalhador se vê impedido de manifestar fragilidade sem punição ou estigmatização. Esses achados dialogam com a perspectiva teórica de Christophe Dejours, para quem o sofrimento ético decorre justamente da impossibilidade de o sujeito se reconhecer na própria atividade de trabalho, sendo privado de uma experiência de sentido, pertencimento e dignidade (Dejours, 1992).

Já no setor público, embora o suporte institucional não seja amplamente estruturado, estudos identificam a existência de políticas fragmentadas de acolhimento, ações pontuais de escuta psicossocial ou programas de saúde mental voltados a servidores (Matias, 2022; Baptista et al., 2023). Contudo, a ausência de continuidade e a baixa integração dessas ações aos sistemas de gestão dificultam sua efetividade. Caldas et al. (2022) destacam que, mesmo quando existem, essas iniciativas são frequentemente percebidas como paliativas ou insuficientes diante da magnitude das demandas institucionais.

Além disso, o suporte informal – como o apoio entre colegas, a atuação de lideranças sensíveis e a valorização simbólica no cotidiano acadêmico – aparece em alguns estudos como um fator protetivo relevante, ainda que pouco reconhecido pelas estruturas institucionais (Pinho et al., 2023; Santos, Oliveira & Alves, 2016).

Esse tipo de suporte contribui para a resiliência e para o enfrentamento do sofrimento, sobretudo em ambientes marcados pela sobrecarga e pela insegurança.

Elementos Institucionais Associados à Intensificação e Precarização do Trabalho Docente

Esse eixo temático destaca os mecanismos estruturais que operam sobre o trabalho docente, indo além dos aspectos subjetivos e das diferenças institucionais, para mapear práticas institucionais concretas associadas ao sofrimento – como produtivismo, sobrecarga burocrática, contratos instáveis, vigilância e exigências performativas. Ou seja, o eixo reúne os achados que identificam práticas institucionais responsáveis por intensificar o trabalho docente e precarizar suas condições objetivas e simbólicas. Tais elementos são recorrentes nos estudos analisados, presentes tanto em instituições públicas quanto privadas, ainda que com formas e intensidades distintas.

A intensificação do trabalho é uma categoria transversal nos artigos, caracterizada pela acumulação de funções, encurtamento de prazos, ampliação de demandas administrativas e acadêmicas, além da vigilância constante sobre a produtividade. D'Oliveira et al. (2020), Caldas et al. (2022) e Martin & Dupuy (2022) apontam que esse fenômeno, associado à lógica da performance, leva ao esgotamento docente ao transformar cada tarefa em um indicador de mérito. Os casos tornam-se ainda mais críticos em contextos de sobreposição entre atividades, na redução de quadros dos trabalhadores e na retração de investimentos, como demonstram Campos, Vêras e Araújo (2020).

O conceito de “produtivismo acadêmico” é recorrente nessa análise, e ainda que nem sempre nomeado dessa forma, tem sido amplamente discutido por autores que analisam as transformações recentes no mundo do trabalho universitário. A expressão remete a uma cultura institucional que valoriza a produtividade mensurável – frequentemente traduzida em publicações, captação de recursos e indicadores de desempenho – em detrimento de dimensões formativas, afetivas e sociais da prática docente. Termos como “cultura da produtividade”, “lógica performativa”, “gerencialismo universitário” e “neoliberalismo na educação superior” aparecem como formulações equivalentes ou complementares. Frigotto (2015) denuncia essa racionalidade tecnocrática como uma nova ideologia que reduz o trabalho acadêmico à lógica da eficiência, esvaziando seu sentido crítico e emancipador. Boaventura de Sousa Santos (2005) também critica a hegemonia da “universidade de excelência”, orientada por rankings e visibilidade mercadológica, em oposição à universidade comprometida com o bem comum. No plano internacional, autores como Helmes (2018) abordam a alienação no trabalho acadêmico e a autogestão compulsória da performance docente. Essas leituras convergem ao apontar que o produtivismo acadêmico atua como vetor estruturante do sofrimento psíquico, ao desqualificar experiências não quantificáveis e gerar ciclos de autoexploração, culpa e desidentificação com o próprio trabalho.

Nos estudos que abordam o produtivismo acadêmico, é comum a crítica à centralidade das métricas impessoais como critério de valorização profissional. Barros (2022) e Oliveira, Pereira e Lima (2017) destacam que indicadores como número de publicações, captação de recursos ou participação em eventos substituem, muitas vezes, o reconhecimento da qualidade do ensino ou do impacto social da atuação docente. Essa lógica alimenta sentimentos de inadequação, autocobrança e autodepreciação, conforme discutido também por Smith et al. (2022) e Baptista et al. (2023).

Outro elemento recorrente é a instabilidade contratual, especialmente nas instituições privadas. Teixeira et al. (2023) e De Lima & Paloski (2024) denunciam a adoção de vínculos horistas, sem garantias trabalhistas, como expressão de uma precarização institucionalizada que compromete a continuidade do trabalho docente e a saúde mental dos professores. Essa instabilidade, combinada com a pressão por desempenho e a lógica de mercado, gera o que Bosi (2007) descreve como uma “subjetivação da insegurança”: o docente internaliza a fragilidade de sua posição e passa a viver sob ameaça constante de ruptura contratual.

Por fim, estudos como os de Matias (2022) e Pinho et al. (2023) chamam atenção para o impacto da sobrecarga burocrática e da digitalização de processos sobre o cotidiano docente. A expressão “digitalização de processos” refere-se à substituição de procedimentos administrativos, pedagógicos e avaliativos tradicionalmente presenciais por tecnologias e plataformas digitais de controle, gestão e comunicação. Embora traga ganhos operacionais, sua implantação tem provocado um conjunto de efeitos adversos sobre o trabalho docente, ao acelerar ritmos produtivos, ampliar a conectividade permanente e intensificar a vigilância institucional. Conforme alerta Dejours (1992), a tecnicização das práticas laborais, quando dissociada da dimensão ética e simbólica do trabalho, leva à perda de sentido da atividade profissional. Essa lógica está na base do que Helmes (2018) denomina sociedade do desempenho, marcada por autoexploração e exaustão decorrentes da pressão por visibilidade e responsividade constante nos ambientes digitais.

A crítica também é presente em Castells (2005), ao apontar que a reconfiguração do tempo e do espaço na sociedade em rede transforma o trabalho docente em uma atividade contínua, fragmentada e despersonalizada. A digitalização não apenas reorganiza os meios de trabalho, mas altera a natureza da relação pedagógica, impondo um tempo operacional que esvazia o tempo reflexivo – o aumento das exigências administrativas, somado à tecnocratização da avaliação institucional, dilui o tempo dedicado às atividades-fim e

desloca o foco do trabalho acadêmico para tarefas operacionais, gerando sentimento de alienação e perda de sentido (Matias, 2022; Pinho et al., 2023).

IV. Conclusion

A presente revisão de escopo permitiu mapear e sistematizar os principais fatores associados ao sofrimento psíquico de docentes do ensino superior no Brasil, com ênfase nas dimensões psicossociais, institucionais e organizacionais que estruturam o cotidiano profissional dessa categoria. A partir da análise de 24 estudos científicos publicados nos últimos anos, foi possível identificar regularidades, especificidades e zonas de tensão que atravessam o trabalho docente tanto em instituições públicas quanto privadas, revelando um campo de adoecimento que não se reduz à esfera individual, mas é produzido e reproduzido por lógicas institucionais mais amplas.

As três categorias analíticas estabelecidas – fatores psicossociais, determinantes comparados entre instituições públicas e privadas, e elementos institucionais associados à intensificação e precarização – ofereceram uma estrutura interpretativa coerente com os objetivos específicos traçados. Essa organização permitiu dar visibilidade a dimensões muitas vezes tratadas de forma fragmentada na literatura, como o papel do reconhecimento simbólico, a precarização subjetiva e a influência da digitalização no aumento da carga e da vigilância sobre os docentes.

Os elementos institucionais, tomados em conjunto, indicam que o sofrimento docente não é apenas reflexo de vulnerabilidades individuais ou limitações contextuais, mas resultado de um modelo organizacional que produz e reproduz formas de adoecimento estruturadas, tanto no plano material quanto simbólico. Tais achados têm implicações teóricas relevantes, ao reforçar a necessidade de incorporar noções como sofrimento ético, precarização simbólica e reconhecimento como categorias centrais na análise do trabalho docente contemporâneo. Essas categorias permitem superar perspectivas individualizantes e ampliar a compreensão das mediações institucionais do sofrimento.

A análise comparativa entre instituições públicas e privadas evidencia que, embora apresentem configurações distintas, ambas compartilham elementos estruturais que contribuem para o sofrimento psíquico dos docentes. Em ambos os contextos, a intensificação do trabalho, a sobrecarga de funções e a fragilidade das políticas institucionais de cuidado emergem como fatores recorrentes, ainda que se expressem de maneiras diversas. Nas instituições privadas, os estudos apontam para uma precarização acentuada dos vínculos formais, com contratos temporários, vínculos horistas e ausência de garantias trabalhistas. Soma-se a isso uma lógica empresarial que orienta a gestão acadêmica, centrada em metas de produtividade e em modelos verticalizados de decisão. Nesse cenário, os docentes vivenciam insegurança permanente, invisibilidade institucional e dificuldades para construir trajetórias profissionais sustentáveis.

Já nas universidades públicas, embora os vínculos formais tendam à estabilidade, os docentes enfrentam sobrecarga estrutural, acúmulo de funções, escassez de recursos e retração de investimentos em infraestrutura e pessoal. A pressão por desempenho acadêmico, combinada à ausência de reconhecimento simbólico e à fragmentação dos coletivos docentes, também contribui para o sofrimento, configurando o que alguns autores denominam de precarização simbólica.

Entre as convergências observadas, destaca-se a ausência de suporte institucional consistente, tanto no que diz respeito ao acolhimento subjetivo quanto às condições objetivas de trabalho. Em ambos os setores, a saúde mental docente tende a ser negligenciada pelas estruturas administrativas, que frequentemente responsabilizam o indivíduo por sua própria adaptação às exigências institucionais.

Por outro lado, as especificidades de cada setor apontam para a necessidade de políticas diferenciadas. Enquanto no setor privado os desafios se concentram na formalização dos vínculos e na democratização da gestão, nas instituições públicas há urgência em reverter o sucateamento estrutural e criar condições efetivas para a valorização do trabalho docente. Em ambos os casos, a criação de espaços de escuta, reconhecimento simbólico e suporte institucional estruturado aparece como uma demanda central nos estudos analisados.

Em termos de implicações práticas, os achados desta revisão indicam a necessidade de políticas institucionais mais sensíveis às dimensões humanas, simbólicas e relacionais do trabalho docente. Isso inclui não apenas medidas de cuidado em saúde mental, mas também iniciativas de escuta ativa, reconhecimento, valorização subjetiva, democratização das relações institucionais e revisão crítica dos modelos de avaliação e desempenho.

Apesar da abrangência da amostra e da densidade dos achados, esta revisão apresenta limitações que precisam ser reconhecidas. Por se tratar de uma revisão de escopo, optou-se por não realizar avaliação crítica da qualidade metodológica dos estudos incluídos, o que restringe o grau de generalização das inferências – além do que, o desequilíbrio na distribuição entre instituições públicas e privadas nos estudos incluídos pode gerar vieses de comparação e limitar a generalização dos achados. Por essa razão, recomenda-se cautela na interpretação das diferenças institucionais, bem como o incentivo a futuras pesquisas que ampliem o olhar sobre o setor privado, aparentemente ainda sub-representado na produção científica nacional sobre sofrimento docente.

Além disso, o recorte exclusivo de produções nacionais pode limitar o diálogo com experiências internacionais, ainda que essa escolha tenha se justificado pelo foco nas especificidades do contexto brasileiro. Também se observou uma predominância de estudos descritivos e transversais, o que evidencia a carência de pesquisas longitudinais e qualitativas mais aprofundadas sobre a vivência do sofrimento docente em diferentes instituições.

Com base nesse panorama, recomenda-se que estudos futuros aprofundem a análise das dinâmicas institucionais que mediam o sofrimento docente, sobretudo em relação a políticas de cuidado, formas emergentes de resistência e estratégias coletivas de enfrentamento. Há também espaço relevante para investigações que articulem raça, gênero e regionalidade às experiências de sofrimento psíquico no ensino superior, campos ainda pouco expressivos, quando se considera a vasta literatura. Por fim, investigações interdisciplinares que integrem a psicologia, a sociologia do trabalho, a saúde coletiva e a pedagogia crítica podem contribuir para o fortalecimento de uma abordagem mais complexa e transformadora sobre o tema.

References

- [1]. ANDRADE, Patrícia Santos de; CARDOSO, Telma Abdalla de Oliveira. Prazer e dor na docência: revisão bibliográfica sobre a Síndrome de Burnout. *Saúde e Sociedade*, v. 21, p. 129-140, 2012. <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/bkHHf89FnBmcM74RktJt3x/>
- [2]. ARKSEY, Hilary; O'MALLEY, Lisa. Scoping studies: towards a methodological framework. *International journal of social research methodology*, v. 8, n. 1, p. 19-32, 2005. <https://omsorgsforskning.braage.unit.no/omsorgsforskning-xmlui/bitstream/handle/11250/3068528/Arksey.pdf?sequence=1>.
- [3]. BAGGIO, Érica et al. Perfil de saúde mental dos professores universitários de instituições públicas mato-grossenses durante a pandemia da COVID-19. *Ciência ET Praxis*, v. 19, n. 34, p. 35-52, 2024. <https://revista.uemg.br/index.php/praxys/article/download/8037/5472>
- [4]. BAPTISTA, Makilim Nunes; CARDOSO, Hugo Ferrari. Do Organizational Support and Occupational Stressors Influence Burnout in Teachers?. *Avaliação Psicológica: Interamerican Journal of Psychological Assessment*, v. 20, n. 4, p. 435-444, 2021. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/8217939.pdf>
- [5]. BARBOSA, Simone de Pinho et al. Letramento em saúde como estratégia de promoção da saúde: um estudo de revisão narrativa. *Conjecturas*, v. 22, n. 7, p. 211-233, 2022. https://www.researchgate.net/profile/Simone-De-Pinho-Barbosa/publication/361670545_Letramento_em_saude_como_estrategia_de_promocao_da_saude_um_estudo_de_revisao_narrativa_a_Health_literacy_as_a_health_promotion_strategy_a_narrative_review_study/links/62bflc523d26d6389e89a0ec/Letramento-em-saude-como-estrategia-de-promocao-da-saude-um-estudo-de-revisao-narrativa-Health-literacy-as-a-health-promotion-strategy-a-narrative-review-study.pdf
- [6]. BARRETO, Maria da Apresentação. *Ofício, estresse e resiliência: desafios do professor universitário*. 2007, 229f. Tese (Doutorado em Educação) - Programa de Pós-Graduação do Centro de Ciências Aplicadas, da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2007.
- [7]. BATISTA, Jaqueline Brito Vidal et al. Transtornos mentais em professores universitários: estudo em um serviço de perícia médica. *Mental disorders in university teachers: study in a service of medical investigation*. *Revista de Pesquisa Cuidado é Fundamental Online*, v. 8, n. 2, p. 4538-4548, 2016. https://seer.unirio.br/cuidadofundamental/article/download/5009/pdf_1914
- [8]. BOSI, Antônio de Pádua. A precarização do trabalho docente nas instituições de ensino superior do Brasil nesses últimos 25 anos. *Educação & Sociedade*, v. 28, p. 1503-1523, 2007. <https://www.scielo.br/j/es/a/9WptVJrmQdsdtW4fZ9VHghk/>
- [9]. BRASIL. Lei nº 14.681, de 18 de setembro de 2023. Institui a Política de Bem-Estar, Saúde e Qualidade de Vida no Trabalho e Valorização dos Profissionais da Educação. *Diário Oficial da União: seção 1*, Brasília, DF, ano 162, n. 179, p. 1, 19 set. 2023. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2023-2026/2023/lei/114681.htm.
- [10]. BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Thematic analysis: A practical guide. 2021. https://www.researchgate.net/profile/Georgiou-Konstantinos/publication/383237866_Thematic_analysis_A_practical_guide/links/66c41eed4fa1a106f886ab1a/Thematic-analysis-A-practical-guide.pdf
- [11]. BRAUN, Virginia; CLARKE, Victoria. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative research in psychology*, v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006. <https://omsorgsforskning.braage.unit.no/omsorgsforskning-xmlui/bitstream/handle/11250/3094408/Braun.pdf?sequence=1>
- [12]. CALDAS, Fabiana Botelho et al. Saúde mental e trabalho na universidade pública: Uma revisão sistemática. 2022. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/64207/1/2022_art_fbcaldasmreis.pdf
- [13]. CAMPOS, Taís; VÉRAS, Renata Meira; DE ARAÚJO, Tânia Maria. Trabalho docente em universidades públicas brasileiras e adoecimento mental: uma revisão bibliográfica. *Revista Docência do Ensino Superior*, v. 10, p. 1-19, 2020. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/download/15193/16327>
- [14]. CANCIAN, Queli Ghilardi et al. Qualidade de vida no desenvolvimento do trabalho na percepções dos professores universitários. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 13, n. 39, p. 371-386, 2023. <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/download/1025/598>
- [15]. CARLOTTO, Mary Sandra; CÂMARA, Sheila Gonçalves. Riscos psicossociais associados à síndrome de burnout em professores universitários. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v. 35, n. 3, p. 447-457, 2017. http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242017000300447&script=sci_arttext
- [16]. CASTELLS, Manuel. *A sociedade em rede*. São Paulo: Paz e terra, 2005. <http://www.precog.com.br/bc-texto/obras/2021pack0286.pdf>
- [17]. COLQUHOUN, Heather L. et al. Scoping reviews: time for clarity in definition, methods, and reporting. *Journal of clinical epidemiology*, v. 67, n. 12, p. 1291-1294, 2014. https://omsorgsforskning.braage.unit.no/omsorgsforskning-xmlui/bitstream/handle/11250/2730880/Colquhoun_Heather.pdf?sequence=1
- [18]. DALAGASPERINA, Patrícia; MONTEIRO, Janine Kieling. Estresse e docência: um estudo no ensino superior privado. *Revista Subjetividades*, v. 16, n. 1, p. 37-51, 2016. <https://www.redalyc.org/pdf/5275/527568856004.pdf>
- [19]. DAUDT, Helena ML; VAN MOSSEL, Catherine; SCOTT, Samantha J. Enhancing the scoping study methodology: a large, inter-professional team's experience with Arksey and O'Malley's framework. *BMC medical research methodology*, v. 13, p. 1-9, 2013. <https://link.springer.com/content/pdf/10.1186/1471-2288-13-48.pdf>

- [20]. DE ARAUJO FERNANDES, Ana Paula; MARINHO, Paulo Roberto Ribeiro; SCHMIDT, Maria Luiza Gava. Saúde mental dos professores de ensino superior: uma revisão da literatura: Mental health of higher education teachers: a literature review. *Revista Cocar*, v. 16, n. 34, 2022. <https://periodicos.uepa.br/index.php/cocar/article/download/4998/2344>
- [21]. DEJOURS, Christophe. *A loucura do trabalho: estudo de psicopatologia do trabalho*. 5. ed. São Paulo: Cortez, 1992.
- [22]. DIEHL, Liciane; CARLOTTO, Mary Sandra. Conhecimento de professores sobre a Síndrome de Burnout: processo, fatores de risco e consequências. *Psicologia em estudo*, v. 19, n. 4, p. 741-752, 2014. <https://www.scielo.br/j/pe/a/MjdHQdC7hRPLBQQ4pTDMmXK/?format=pdf&lang=pt>
- [23]. DIEHL, Liciane; MARIN, Angela Helena. Adoecimento mental em professores brasileiros: revisão sistemática da literatura. *Estudos interdisciplinares em Psicologia*, v. 7, n. 2, p. 64-85, 2016. <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/eip/article/download/25302/19800>
- [24]. FREITAS, Ronilson Ferreira et al. Prevalência e fatores associados aos sintomas de depressão, ansiedade e estresse em professores universitários durante a pandemia da COVID-19. *Jornal Brasileiro de Psiquiatria*, v. 70, p. 283-292, 2021. <https://www.scielo.br/j/jbpsiq/a/8DKtKHH8xFrMjSjTr7X93Lt/?lang>
- [25]. FRIGOTTO, Gaudêncio. A produtividade da escola improdutiva 30 anos depois: regressão social e hegemonia às avessas. *Trabalho necessário*, v. 13, n. 20, p. 206-233, 2015. https://www.observatorio.epsjv.fiocruz.br/sites/default/files/files/Frigotto%2C%20Gaud%2C%20AAncio_%20A%20Produtividade%20da%20Escola%20Improdutiva%2030%20anos%20depois_Trab%20Nec_2015.pdf
- [26]. FUNDACENTRO. Saúde mental é principal problema para os professores, aponta pesquisa. *Agência Brasil*, 2023. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/geral/noticia/2023-10/saude-mental-principal-problema-para-os-professores-aponta-pesquisa>. Acesso em: 31 mar de 2025.
- [27]. GEMELLI, Catia Eli; CLOSS, Lisiane. Precarização do trabalho docente de ensino superior em ies privadas brasileiras. *BBR. Brazilian Business Review*, v. 20, p. 339-361, 2023.
- [28]. HAMMOUDI HALAT, Dalal et al. Mental health interventions affecting university faculty: a systematic review and meta-analysis. *BMC Public Health*, v. 24, n. 1, p. 3040, 2024. <https://link.springer.com/content/pdf/10.1186/s12889-024-20402-2.pdf>
- [29]. HAN, Byung-Chul. *Sociedade do cansaço*. Editora Vozes Limitada, 2015. <https://books.google.com.br/books?hl=pt-BR&lr=&id=IYWZCGAAQBAJ&oi=fnd&pg=PT3&dq=Sociedade+do+cansa%C3%A7o&ots=aOyTyqlpeF&sig=pMjFTsvmlCRid3HR-lXcVjXqHqs#v=onepage&q=Sociedade%20do%20cansa%C3%A7o&f=false>
- [30]. HELMES, Svenja. *The alienated academic: the struggle for autonomy inside the university*: by Richard Hall, London, Palgrave Macmillan, 2018, 273 p (hardback), ISBN 978-3319943039. <https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/14681366.2020.1728104>
- [31]. LEVAC, Danielle; COLQUHOUN, Heather; O'BRIEN, Kelly K. Scoping studies: advancing the methodology. *Implementation science*, v. 5, p. 1-9, 2010. <https://link.springer.com/content/pdf/10.1186/1748-5908-5-69.pdf>
- [32]. LIMA, Fabio Gotz de; PALOSKI, Luis Henrique. Saúde mental e estilos de ensino de professores universitários de instituições públicas e privadas. *Boletim de Conjuntura (BOCA)*, v. 17, n. 51, p. 358-378, 2024. <https://revista.ioles.com.br/boca/index.php/revista/article/download/3760/1090>
- [33]. LIMA, Maria de Fátima Evangelista Mendonça; LIMA-FILHO, Dario de Oliveira. Condições de trabalho e saúde do/a professor/a universitário/a. *Ciências & Cognição*, v. 14, n. 3, p. 62-82, 2009. <http://revista.cienciasecognicao.org/index.php/cec/article/download/253/136>
- [34]. LOPES-BORGES, Sara et al. Avaliação de fatores de risco psicossociais: estudo com docentes do ensino superior. 2018. <https://repositorio.ismt.pt/jspui/bitstream/123456789/1148/1/54-Texto%20Artigo-531-3-10-20180301.pdf>
- [35]. LOCKWOOD, Craig; DOS SANTOS, Kelli Borgess; PAP, Robin. Practical guidance for knowledge synthesis: scoping review methods. *Asian nursing research*, v. 13, n. 5, p. 287-294, 2019. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/pii/S1976131719305250>. Acesso em: 23 jan. 2025.
- [36]. MEDEIROS, Jade Gomes Da Costa et al. Análise da saúde mental dos professores de uma instituição de Ensino Superior em meio a pandemia. *Revista CPAQV-Centro de Pesquisas Avançadas em Qualidade de Vida*, v. 13, n. 2, p. 2, 2021. <https://www.academia.edu/download/101960215/773-1639-1-PB.pdf>
- [37]. MELO, Rayra Silva. O papel da gestão escolar em benefício da saúde mental dos professores do ensino superior no âmbito do IFPB/campus João Pessoa. 2024. *Trabalho de Conclusão de Curso*. <https://repositorio.ifpb.edu.br/bitstream/177683/3945/1/RAYRA%20SILVA%20MELO%20-%20O%20papel%20da%20gest%C3%A3o%20escolar%20em%20benef%C3%ADcio%20da%20sa%C3%BAde%20mental%20dos%20professores%20do%20ensino%20superior%20no%20%C3%A2mbito%20do%20IFPB-campus%20Jo%C3%A3o%20Pessoa.pdf>
- [38]. Miles, M. B., Huberman, A. M., & Saldaña, J. (2019). *Qualitative Data Analysis: A Methods Sourcebook* (4th ed.). Thousand Oaks, CA: SAGE Publications.
- [39]. MINGHETTI, Lenir Rodrigues et al. Mal-estar docente: fatores de risco de adoecimento e sofrimento de professores em decorrência do trabalho. *Research, Society and Development*, v. 11, n. 15, p. e251111535079-e251111535079, 2022. <https://rsdjournal.org/index.php/rsd/article/download/35079/30971>
- [40]. NEVES, Vanessa Faria; OLIVEIRA, Áurea de Fátima; ALVES, Priscila Castro. Síndrome de burnout: impacto da satisfação no trabalho e da percepção de suporte organizacional. *Psico*, v. 45, n. 1, p. 45-54, 2014. <https://dialnet.unirioja.es/descarga/articulo/5633364.pdf>
- [41]. NUTBEAM, Don. Health literacy as a public health goal: a challenge for contemporary health education and communication strategies into the 21st century. *Health promotion international*, v. 15, n. 3, p. 259-267, 2000. <https://academic.oup.com/heapro/article-pdf/15/3/259/9809115/150259.pdf>
- [42]. OLIVEIRA, Amanda da Silva Dias; PEREIRA, Maristela de Souza; LIMA, Luana Mundim de. Trabalho, produtivismo e adoecimento dos docentes nas universidades públicas brasileiras. *Psicologia Escolar e Educacional*, v. 21, p. 609-619, 2017. <https://www.scielo.br/j/pee/a/V3Twyq9cC536hK6PyGqhQBQ/?lang=pt&format=html>
- [43]. OLIVEIRA, Hayanna Emillyn Matias de. Estresse ocupacional: uma revisão bibliográfica sobre o adoecimento mental na docência. 2020. <https://repositorio.ifpb.edu.br/bitstream/177683/1083/1/Estresse%20ocupacional%20na%20doc%C3%Aancia%20-%20Hayanna%20Emillyn%20Matias%20de%20Oliveira.pdf>
- [44]. PAIVA, Kely César Martins de; GOMES, Maria Ângela do Nascimento; HELAL, Diogo Henrique. Estresse ocupacional e síndrome de burnout: proposição de um modelo integrativo e perspectivas de pesquisa junto a docentes do ensino superior. *Gestão & Planejamento-G&P*, v. 16, n. 3, 2015. <https://revistas.unifacs.br/index.php/rgb/article/viewFile/3570/2713>

- [45]. PAIVA, Kely César Martins de; SARAIVA, Luiz Alex Silva. Estresse ocupacional de docentes do ensino superior. *Revista de Administração-RAUSP*, v. 40, n. 2, p. 145-158, 2005. <https://www.redalyc.org/pdf/2234/223417391004.pdf>
- [46]. PASSOS DE OLIVEIRA, Henry Johnson et al. Síndrome de burnout em docentes universitários dos cursos de saúde. *Revista de Salud Pública*, v. 23, n. 6, p. 1, 2021. http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S0124-00642021000600012&script=sci_arttext&tlng=pt
- [47]. PETERS, M. D. J. et al. Chapter 11: Scoping Reviews (2020 version). In: AROMATARIS, E.; MUNN, Z. (ed.). *JBI Manual for Evidence Synthesis*. Joanna Briggs Institute, 2020. Disponível em: <https://synthesismanual.jbi.global>. Acesso em: 31 mar. 2025.
- [48]. PINHO, Paloma de Sousa et al. Estresse ocupacional, saúde mental e gênero entre docentes do ensino superior: revisão integrativa. *Saúde e Sociedade*, v. 32, p. e210604pt, 2023. <https://www.scielo.br/j/sausoc/a/CKmKMLkbNfirWvmrvbCD6Fv/>
- [49]. RASSI, Werrianny Santiago. Bem-estar e desempenho dos professores universitários: uma revisão sistemática da literatura. *Revista de Carreiras e Pessoas*, v. 13, n. 2, p. 320-342, 2023. <https://revistas.pucsp.br/ReCaPe/article/download/53851/42230>
- [50]. RÓDIO TREVISAN, Karen Rayany et al. Revisão sistemática internacional sobre agravos à saúde mental de professores. *Avances en Psicología Latinoamericana*, v. 40, n. 1, 2022. http://www.scielo.org.co/scielo.php?pid=S1794-47242022000100008&script=sci_arttext&tlng=pt
- [51]. SANTOS, Bárbara Alcantara Aquino et al. Precarização do trabalho em instituições públicas de ensino superior e o impacto na saúde mental de docentes. 2022. https://rii.ufam.edu.br/bitstream/prefix/6168/2/TCC_BarbaraSantos.pdf
- [52]. SANTOS, Boaventura de Sousa. A universidade no século XXI: para uma reforma democrática e emancipatória da universidade. *Educação, sociedade & culturas*, n. 23, p. 137-202, 2005. https://estudogeral.uc.pt/bitstream/10316/42125/4/A%20universidade%20no%20seculo%20XXI_para%20uma%20reforma%20democratica.pdf
- [53]. SANTOS, Daniel Alberto et al. Reflexões sobre a saúde docente no contexto de mercantilização do ensino superior. *Revista Docência do Ensino Superior*, v. 6, n. 1, p. 159-186, 2016. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/rdes/article/download/2105/1383>
- [54]. SANTOS, Daniel Alberto Santos et al. Estresse ocupacional e transtornos mentais comuns entre professores universitários. 2016. <http://tede2.uefs.br:8080/bitstream/tede/561/2/Disserta%C3%A7%C3%A3o%20de%20Daniel%20Alberto%20formato%20em%20PDF%20para%20o%20cd.pdf>
- [55]. SANTOS, Geórgia Maria Ricardo Félix dos; SILVA, Maria Elaine da; BELMONTE, Bernardo do Rego. COVID-19: ensino remoto emergencial e saúde mental de docentes universitários. *Revista Brasileira de Saúde Materno Infantil*, v. 21, p. 237-243, 2021. <https://www.scielo.br/j/rbsmi/a/b3TVbVHcCZRkVZPFK6PHF/?format=html&lang=pt>
- [56]. SILVA, Milena Aparecida Lopes da et al. Qualidade de vida no trabalho, estresse e saúde mental dos professores universitários: um estudo comparativo entre instituições públicas e privadas em Belo Horizonte-MG. 2002. <https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/82421/227598.pdf?sequence=1>
- [57]. SILVA, Selma Gomes da. Travessias entre a sala de aula e o consultório: trajetórias docentes, adoecimento e narrativas de sofrimento psíquico de professores. Tese (Doutorado em Sociologia). Programa de pós-graduação da Universidade Federal do Ceará. 2017, 489f. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/22463/1/2017_tese_sgsilva.pdf
- [58]. SILVA, Selma Gomes da; PAIVA, Antonio Cristian Saraiva. O pathos docente em narrativas: relações entre trabalho, subjetividades docentes e adoecimento psíquico. 2018. https://repositorio.ufc.br/bitstream/riufc/32433/1/2018_art_sgsilvaacspaiva.pdf
- [59]. SOUSA, Ivone Félix de; MENDONÇA, Helenides. Burnout em professores universitários: impacto de percepções de justiça e comprometimento afetivo. *Psicologia: teoria e pesquisa*, v. 25, p. 499-508, 2009. <https://www.scielo.br/j/ptp/a/Rf9qQMBgH9yg8F4qCRhxXtd/?format=pdf&lang=pt>
- [60]. TIBÃES, Paula Camelo et al. A relação entre trabalho e saúde mental em professores universitários substitutos. *Trabalho (En) Cena*, v. 4, n. 2, p. 430-450, 2019. <https://core.ac.uk/download/pdf/276233660.pdf>
- [61]. TRICCO, A. C. et al. PRISMA Extension for Scoping Reviews (PRISMA-ScR): Checklist and Explanation. *Annals of Internal Medicine*, [S. l.], v. 169, n. 7, p. 467-473, 2018. DOI: <https://doi.org/10.7326/M18-0850>. Acesso em: 31 mar. 2025.